

# O artesanato no extrativismo ribeirinho: geração de renda e os desafios para se manter no mercado



*Elenice Assis do Nascimento*

Bacharel em economia, técnica e extensionista em manejo florestal na Amazônia, com experiência em manejo florestal madeireiro, não madeireiro, economia florestal, educação para o manejo e política pública florestal. Atualmente, é analista em manejo florestal no programa de manejo florestal comunitário do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | Brasil | [elenice@mamiraua.org.br](mailto:elenice@mamiraua.org.br)

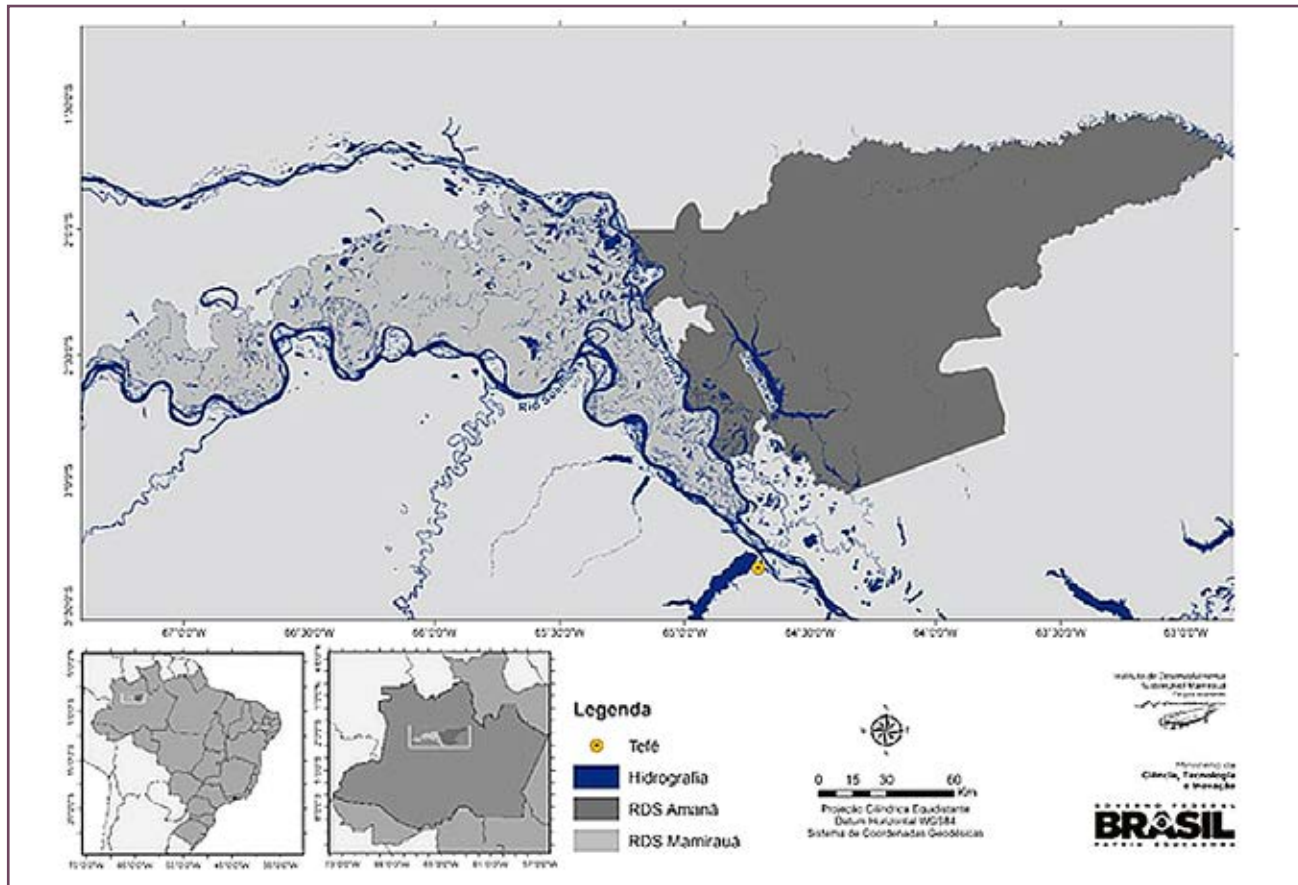
*Tabatha Benitz*

Mestre em ciências biológicas, design em permacultura, pós-graduada em gestão ambiental, tem experiência de atuação como professora, extensionista e pesquisadora. Atualmente, é analista de inovação e pesquisa do núcleo de inovações tecnológicas sustentáveis Mamirauá atuando na captação de recursos da instituição e no incentivo ao empreendedorismo por meio do projeto da incubadora de negócios sustentáveis Mamirauá | Brasil | [tabatha.benitz@mamiraua.org.br](mailto:tabatha.benitz@mamiraua.org.br)

A produção de artesanatos a partir do extrativismo da floresta produzidos por artesãs e artesãos ribeirinhos nas reservas de desenvolvimento sustentável/RDS Mamirauá e Amanã vem demonstrando, ao longo dos anos, a importância dessa atividade na geração de renda bem como sua inserção no mercado. São produzidos inúmeros tipos e utilidades de artesanatos, divididos em artefatos para uso doméstico e artesanato de decoração, tais como: peneiras, cestos, balaios, remos, canoas, fogareiros (pequenos fornos de barro) entre outros. Destacamos alguns produtos florestais não madeireiros (PFNM) que fazem parte desse conjunto de recursos naturais utilizados pelos grupos de artesãos. O Cauaçu (*Calathea lutea*) usado no teçume de cestarias em geral, o Caraípe (*Licania ssp*) ingrediente importante na composição dos produtos de barro e o Molongó (*Maloeutia tamaquarina*), produto utilizado na madeira, quando é entalhada para a confecção de objetos decorativos ou utilitários. Todos esses produtos podem ser tingidos e, quando essa é a opção, são utilizadas tinturas naturais extraídas da floresta ou de plantios domésticos de cada artesão. A venda desses produtos passa por transformações comerciais cada vez mais tecnológicas, e imprimem uma carga de trabalho logístico e burocráticos que muito se distancia da prática informal de 20 anos atrás.



Foto Sérgio Matos



Reservas Mamirauá e Amanã

Fotos Emanuelle Raiol

As reservas de desenvolvimento sustentável/RDS Mamirauá e Amanã estão localizadas na região do Médio Rio Solimões, no Oeste do Estado do Amazonas. As duas unidades de conservação/UC juntas somam uma área de 3.474.000 hectares com uma população aproximada de 16.558 habitantes que estão distribuídos em 301 comunidades<sup>1</sup>. Essas UC são estaduais e seguem normas específicas de usos dos recursos naturais previstos nos planos de gestão de cada uma delas. O Estado é o detentor da terra e concede o uso para as populações tradicionais existentes na área, a partir do decreto de criação da RDS.

Na Reserva Mamirauá a obtenção da renda familiar acontece por duas vias de ingressos monetário, (i) a venda de produções agrícolas, extrativas e artesanais, fruto do trabalho familiar e (ii) o trabalho assalariado, a previdência e os programas de transferência de renda (Lima, 2010)<sup>2</sup>. Apesar desse novo modelo de formação da renda familiar já ter sofrido transformações comparado ao modelo de economia camponesa tradicional. Essas transformações acontecem em função do mercado e da inserção de modelagens de manejos oficializados pelo governo para o usufruto de cada recurso natural específico.



Foto Serio Matos



*Molongó Criação do Design e Arquiteto Marcelo Rosebaum e do Design Paulo Biacchi*



Fotos Elenice Assis do Nascimento

Nesse contexto, as mulheres passaram a exercer novas atividades na divisão da produção familiar e composição da renda. E o artesanato passa a ser mais desenvolvido por elas na maioria dos grupos de artesãos das duas Reservas. A venda desses produtos, além de contribuir cada vez mais com a composição da renda, é também o meio pelo qual as mulheres estão inseridas nas tomadas de decisões internas da casa, política e social nas suas comunidades e no território, o que incentivou o empoderamento delas por meio do seu trabalho e um avanço na equidade de gênero. Apesar dos avanços sociais e políticos alcançados por meio do artesanato comercial, os artesãos de forma geral ainda não atingiram o mesmo nível de desenvolvimento no processo de comercialização, principalmente com o mercado formal. A prática da venda informal garantiu o estabelecimento desses produtos nos mercados locais e regionais, em menor escala no sul e sudeste, quando facilitado por meio de um outro agente que visita as comunidades a trabalho ou turismo. Existem também projetos como por exemplo, o denominado “Origens Brasil” uma iniciativa do Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora) que vem desenvolvendo uma rede para conectar os artesãos e produtores diretamente com o elo empresa, promovendo assim um comércio ético e justo. Geralmente, o que ocorre é a venda para intermediários, fazendo com que o preço justo ainda seja um dos maiores desafios das populações tradicionais no escoamento e na valorização de seus produtos.

*Molongó exposição varios produtos*



*Molongó Brinquedo em bloco comunidade*



Quando o mercado formal começa a demandar em grande quantidade e pagando um preço um pouco melhor, comparado ao local e regional, os novos desafios começam a aparecer. A exigência de padronização dos produtos, maior qualidade, modificações ou até mesmo novos produtos, contrato de compra e venda, rigidez nos prazos de entrega, dificuldades logísticas no escoamento e a emissão da nota fiscal eletrônica dos produtos, acarretando, assim, uma série de necessidades e qualificação profissional que esses atores não têm (já que o nível de escolaridade para essa população é muito baixo comparado a capital do estado).


Foto Elenice Assis do Nascimento



Molongó produtos entalhados sem acabamento

## Perspectivas Futuras

O Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA) é uma das Instituições de apoio que atuam fortemente no território das Reservas, e vem promovendo ações para o desenvolvimento dos elos da cadeia produtiva e de valor do artesanato, juntamente com os parceiros locais como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Fundação Amazonas Sustentável (FAS) entre outros, promovendo desde de capacitações nas temáticas para o fortalecimento das organizações produtivas, apoio na divulgação dos produtos, mapeamento de mercados potenciais, captação de recursos e alinhamento com parceiros estratégicos, buscando a autonomia das organizações envolvidas e gerando sempre a reflexão dos desafios no alcance de cada mercado (formal e informal). O resultado desse trabalho de mais de 20 anos pode ser visto em grupos como o Teçume D'Amazônia e o Grupo de Artesãos da Nova Colômbia que trabalham com Molongó, que já tiveram seus produtos escoados para diversos tipos de mercado e até mesmo visibilidade internacional de seu trabalho.

Uma das formas de incentivar a continuidade desse processo tem sido a formação de jovens e o fortalecimento para que eles exerçam o trabalho de seus antepassados, incrementando com a pegada tecnológica da nova geração. Com isso é possível pensar na longevidade das práticas que são passadas por gerações dos povos da floresta e vale lembrar da importância dessa população e suas práticas tradicionais para manter a floresta em pé, já que eles são os verdadeiros guardiões da Amazônia. 

### Notas

- 1 [www.mamiraua.orb.br/areas-de-atuacao](http://www.mamiraua.orb.br/areas-de-atuacao)
- 2 Lima, D. As transformações na economia doméstica de Mamirauá. UAKARI, v.6, n.1, p. 9-26, jun.2010.